

Flu Junho / 57

RN nº 37

Em Angra Dos Reis

1232

Rubem Braga

FUI a Angra dos Reis, e fiz bem. Em parte alguma do Brasil há tão grande intimidade entre a terra e o mar! Não é apenas a serra com sua floresta que despenca sobre o mar; é o mar com sua baía que entra pelos meandros da serra, faz ilhas e promontórios de suas montanhas. Ah, ter um sítiozinho como esse que vi em Tanguá: o milharal pendoando a três metros da onda, vaquinhas no pasto olhando o oceano, bananeiras tremulando pela encosta, uma cachoeirinha despencando atrás de casa entre cajueiros, pitangueiras, jaqueiras, mangueiras, abius... Ou esse outro de Monçoaba, com o café crescendo à sombra dos ingazeiros junto da praia, ingazeiros entremeados de altos e decorativos pés de fruta-pão; logo para trás, jabuticabas.

Sonhamos flutuantes propriedades imobiliárias ao longo das estradinhas de beira-mar, entre oscilantes bambus; pergunto preços, apalpo a terra, miro canoas, namoro ilhas e, já que não vou mesmo comprar nada, se me perguntarem — oh insensato coração, que ilha queres para teu refúgio? —, eu responderei sardônico: a de Manhattan, meu senhor.

Mas anoitecemos mesmo é na própria Angra dos Reis, onde há um jardim perto do cais onde medita em busto o falecido Vargas; e a cabeça revôlta de Lopes Trovão — a testa fugidia, o bigode audacioso, o ar oratório — parece estalar de revolta entre dois pés de ficus aparados quadrangularmente, enquanto o alto-falante de um mafuá vizinho vomita boleros e anúncios. Então sonho com uma coisa que não vi, mas me contaram: em algum canto dessa grande Angra, entre imensas árvores trêmulas, há uma cachoeira que se despenha diretamente no mar.

318/66

DN 3.1.5 Y

M 689

UH. 4.4.74

134